

ASSESSORIA TÉCNICA EM ENFERMIDADES PARASITÁRIAS, EM PROPRIEDADES RURAIS CRIADORAS DE EQUINOS, NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

REBECA SILVEIRA TABAJARA¹; NATALIA BELEN BAUTE ABERO²; MARIANA FREITAS DE ANDRADE³; TAMIRES SILVA DOS SANTOS⁴; GIULIA RIBEIRO MEIRELES⁵; FELIPE GERALDO PAPPEN⁶

¹*Universidade Federal de Pelotas – becababajara@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bautenatalia@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – marianafandra@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – myres_santos@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – giularmeireles@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – felipepappen@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui o quarto maior rebanho equino do mundo, tendo aproximadamente 5,5 milhões de cabeças registradas. Dentro desse total, o Rio Grande do Sul (RS) concentra cerca de 492 mil cavalos (IBGE, 2022), destacando-se no setor econômico e, principalmente, pela carga cultural da criação tradicionalista desses animais, além das práticas voltadas para o lazer, esporte e trabalho (SEAPI, 2014).

O cavalo Crioulo é uma das raças mais tradicionais e valorizadas na América do Sul, especialmente no Brasil, Uruguai e Argentina, onde atua tanto no trabalho rural quanto em competições equestres. O sucesso nas provas e o aprimoramento genético elevaram seu valor de mercado, impulsionando as negociações e o interesse pela raça, movimentando cerca de R\$ 1,28 bilhão por ano e gera cerca de 238 mil empregos, de acordo com dados da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC) (DA SILVA et al., 2017). Desta forma, o crescimento econômico do setor e a crescente demanda por essa raça é evidente, tanto para criadores, como para competidores.

A criação de equinos enfrenta diversos obstáculos, incluindo as infecções parasitárias que acarretam prejuízos econômicos relevantes, manifestando-se em diversas enfermidades como gastrites, enterites, hepatite, dermatites e broncopneumonia (MARTINS et al., 2022). Os equinos desde o início de suas vidas possuem uma relação hospedeiro-parasita através de contaminação por contato direto ou indireto com indivíduos infectados (MARTINS et al., 2022). A presença de parasitos internos, em grande parte, gera uma resposta imune que pode resultar em uma resistência do animal contra a reinfecção parasitária, mas em alguns casos, essa barreira imunológica se torna incompleta e o organismo tem diversas respostas, sendo elas de hipersensibilidade ou até mesmo as chamadas doenças parasitárias (REED, 2021).

O manejo inadequado frente às infecções parasitárias contribui para a sua persistência na população equina, mesmo quando os animais parecem saudáveis, podendo enfrentar problemas como desconforto abdominal, cólica, diarreia crônica, baixo desempenho esportivo e óbito (MARTINS et al., 2022). Portanto, com o objetivo de prestar assistência técnica aos produtores de equinos no sul do RS, o presente projeto, realizado pelo Grupo de Estudos em Enfermidades Parasitárias (GEEP), visa a realização de exames coproparasitológicos para monitorar a carga

parasitária nos equinos e estabelecer um manejo sanitário eficaz dos rebanhos, a fim de controlar as parasitoses nas propriedades.

2. METODOLOGIA

Os dados desse estudo foram coletados no período de março de 2023 até julho de 2024 em propriedades criadoras de equinos localizadas no sul do estado do RS. Durante esse levantamento, foi avaliado o tipo de manejo adotado por essas propriedades, além dos princípios ativos utilizados no controle sanitário dos animais. O diagnóstico das parasitoses nos equinos foi realizado por meio de exames coproparasitológicos juntamente com a coleta de informações sobre os pacientes.

Para realização dos exames, amostras de fezes foram coletadas diretamente da ampola retal com o auxílio de luvas de palpação. Os materiais coletados foram devidamente identificados e armazenados em caixas isotérmicas com gelo reciclável e foram encaminhadas para o laboratório do Grupo de Estudos em Enfermidades Parasitárias (GEEP), localizado na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para análise. O resultado dos exames foi obtido através da técnica de Gordon e Whitlock modificada (UENO; GONÇALVES, 1998), através de contagem de ovos por grama de fezes (OPG).

Posteriormente, cada produtor ou veterinário responsável recebeu orientações personalizadas sobre a estratégia de controle e a aplicação de medicamentos específicos para sua propriedade, fundamentadas nos resultados detalhados dos laudos.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Durante o monitoramento parasitológico, foram avaliadas 309 amostras fecais de equinos provenientes de cerca de 21 propriedades nas cidades de Bagé, Rio Grande, Capão do Leão, São Lourenço do Sul, Pelotas, Hulha Negra, Piratini e Lajeado. Destas amostras, 265 (85,76%) testaram positivo para algum tipo de parasitose. A família *Strongylidae* (Estrongilídeos) apresentou a maior frequência, sendo encontrada em 256 amostras (82,84%). *Parascaris* spp. foi identificado em 38 amostras (12,29%), enquanto *Oxyuris equi* esteve presente em seis amostras (1,94%). *Strongyloides westeri* foi detectado em oito amostras (2,58%) e *Anoplocephala* spp. em sete amostras (2,26%). Além disso, infecções mistas foram observadas, com combinações de Estrongilídeos e *Parascaris* spp. em 31 amostras (10,03%), Estrongilídeos e *O. equi* em três amostras (0,97%), Estrongilídeos e *S. westeri* em oito amostras (2,58%), e Estrongilídeos e *Anoplocephala* spp. em duas amostras (0,64%). Infecções com três ou mais tipos de parasitas foram registradas em sete amostras (2,26%), conforme detalhado na Tabela 1.

O retorno aos proprietários foi realizado por meio de laudos que apresentavam a identificação de cada animal e a contagem de OPG por parasito. Para animais com resultado acima de 500 opg, conforme as recomendações de REINEMAYER (2012) e MOLENTO (2005), foi indicado o uso de anti-helmínticos. Além do tratamento químico, foram sugeridas práticas complementares, como a rotação de espécies animais, o diferimento da área de pastagem e o monitoramento contínuo da manada com exames coprológicos, com o objetivo de reduzir a disseminação de parasitos e controlar as infecções.

O método de tratamento foi selecionado pelo veterinário responsável de cada propriedade, enquanto a equipe do GEEP monitorou a eficácia das intervenções. Um controle parasitário bem conduzido reduz significativamente a carga parasitária nos animais e a eliminação de ovos nas fezes, diminuindo a contaminação ambiental e preservando a eficácia dos anti-helmínticos, evitando o surgimento de resistência. Essas medidas contribuem para a saúde geral dos equinos, melhorando seu desempenho produtivo e prevenindo problemas como o atraso na puberdade e o aumento do risco de mortalidade.

Tabela 1. Número e percentual de amostras fecais de equinos positivas para diferentes endoparasitos gastrintestinais, conforme diagnóstico do laboratório do Grupo de Estudos em Enfermidades Parasitárias (GEEP) da Universidade Federal de Pelotas, entre maio de 2023 e junho de 2024.

PARASITO	ANIMAIS POSITIVOS (%)
Estrongilídeos	256 (82,84%)
<i>Parascaris</i> spp.	38 (12,29%)
<i>Oxyuris equi</i>	6 (1,94%)
<i>Strongyloides westeri</i>	8 (2,58%)
<i>Anoplocephala</i> spp.	7 (2,26%)
Estrongilídeos + <i>Parascaris</i> spp.	31 (10,03%)
Estrongilídeos + <i>O. equi</i>	3 (0,97%)
Estrongilídeos + <i>S. westeri</i>	8 (2,58)
Estrongilídeos + <i>Anoplocephala</i> spp.	2 (0,64%)
Três ou mais parasitos	7 (2,26%)

4. CONSIDERAÇÕES

Este estudo destaca a alta frequência de parasitos em propriedades equinas no RS, enfatizando a importância do monitoramento parasitológico. A realização regular de exames coproparasitológicos, aliada ao tratamento adequado dos animais infectados, é fundamental para mitigar os impactos econômicos associados às parasitoses. Essas ações não apenas promovem a saúde e o bem-estar dos equinos, mas também garantem a produtividade e a sustentabilidade das propriedades criadoras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWMAN, D. D. **Georgis' Parasitology for Veterinarians**. 10th ed. St. Louis: Elsevier, 2014.

CAVALO CRIOULO VIRA MERCADO QUE MOVE R\$ 1,28 BILHÃO POR ANO.
Zero Hora, 16 ago. 2013. Disponível
em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/campo-e-lavoura/noticia/2013/08/cavalo-crioulo-vira-mercado-que-move-r-1-28-bilhao-por-ano-4236327.html>. Acesso em: 15 set. 2024.

DA SILVA, B. P.; SILVA FARIAS, C. V. Cadeia de Criação e Comercialização do Cavalo Crioulo no Rio Grande do Sul. **Revista Teoria E Evidência Econômica**, v. 23, n. 48, 2017. <https://doi.org/10.5335/rtee.v23i48.7360>.

EMBRAPA. **A Embrapa**. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/DT-148-online>. Acesso em: 10 set. 2024

LICHTENFELS, J. R. Helminths of domestic equids. **Journal of Parasitology**, v. 61, n. 4, p. 696-704, 1975.

MARTINS, N.S.; LIGNON, J.; PAPPEN, F.; PINTO, D. **Verminose em equinos - Aspectos para consulta rápida**. 2022. DOI: 10.47402/ed.ep.b202218360948.

MOLENTO, M. B. Resistência parasitária em helmintos de eqüídeos e propostas de manejo. **Ciência Rural**, v. 35, n. 6, p. 1469–1477, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782005000600041>.

REY, L. **Parasitologia: Parasitologia Veterinária**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

REINEMEYER, C. R. Anthelmintic resistance in non-strongylid parasites of horses. **Veterinary Parasitology**. vol. 185, n.1, p.9-15, 2012

TAYLOR, M. A.; COOP, R. L.; WALL, R. L. **Parasitologia Veterinária**. 4. ed. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2017. E-book. ISBN 9788527732116. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788527732116/>. Acesso em: 28 jul. 2024.

UENO, H.; GONÇALVES, P. C. **Manual para diagnóstico das helmintoses de ruminantes**. 4. ed. Tokyo: Japan International Cooperation Agency, 1998. 143 p.

URQUHART, G. M.; ARMOUR, J.; DUNCAN, J. L.; DUNN, A. M.; JENNINGS, F. W. **Veterinary Parasitology**. 2nd ed. Oxford: Blackwell Science, 1996.